

Entendendo as relações de poder instauradas na sociedade através dos discursos da esfera política

Understanding the relations of power established in society through the discourses of the political sphere

Emerson Lázaro Sebastião de Andrade¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo mostrar como podemos observar os abusos de poder por meio dos discursos políticos, explicitando quais os impactos disso para as interações entre os sujeitos que apreendem tais falas. Para isso, foram selecionados excertos de pronunciamentos feitos pelos presidentes Donald Trump e Kim Jong-un, com o intuito de perceber como os elementos ligados à língua, como a escolha do léxico, são relevantes para consolidar aspectos sociocomunicativos que atuarão persuasivamente sobre os sujeitos e, conseqüentemente, trarão um novo campo de visão acerca das relações de poder que se manifestam nos diferentes grupos sociais.

Palavras-chave: Discursos políticos. Abusos de poder. Grupos sociais.

ABSTRACT

This article aims to show how the abuse of power may be observed through political discourse, putting forth the impacts which such statements have on people who learn such speeches. For this reason, excerpts from statements given by Presidents Donald Trump and Kim Jong-un were selected, in order to understand how elements related to language, such as lexical choices, are relevant to consolidate socio-communicative aspects that will act upon the individuals and consequently, will bring a new field of vision about the relations of power that manifest themselves in different social groups.

Keywords: Political discourse. Abuses of power. Social groups.

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo mostrar cómo podemos observar los abusos de poderes por medio de los discursos políticos, explicitando cuáles son los impactos de ello para las interacciones entre los sujetos que aprenden tales palabras. Para eso, se seleccionaron extractos de pronunciamentos hechos por los presidentes Donald Trump y Kim Jong-un, con el fin de percibir cómo los elementos ligados a la lengua, como por ejemplo la elección del léxico son relevantes para consolidar aspectos sociocomunicativos que actuarán sobre y conseqüentemente, traerá un nuevo campo de visión acerca de las relaciones de poder que se manifiestan en los diferentes grupos sociales.

Palabras clave: Discursos políticos. Abusos de poder. Grupos sociales.

¹ Graduado em Letras pela PUC Minas. Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. E-mail: emerson-lazaro@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa compreender aspectos de como as relações de poder são instauradas na sociedade por meio da linguagem. Para isso, serão analisados excertos de discursos dos presidentes Donald Trump (EUA) e Kim Jong-un, em textos veiculados em mídias digitais das seguintes fontes: Jornais Brasil de Fato e Folha de São Paulo, Revista Veja e Portal G1.com. Por meio de notícias disponíveis nesses sites, é possível verificar que a hegemonia de uma nação sobre a outra se manifesta por meio de critérios discursivos muito peculiares, que convergem para a preservação de uma face positiva em detrimento de uma face negativa.

Com isso, pretende-se demonstrar que a linguagem é extremamente importante tanto para o exercício de alteridade, como para instauração de relações de poder. Por estar relacionada a questões abstratas e que são expressas por meio de palavras, segundo regras específicas de conversação, compreender a língua torna-se de extrema relevância para que compreendamos as relações entre os indivíduos.

O cenário enunciativo em que se constroem e em que são veiculados discursos como os dos presidentes dos Estados Unidos e da Coreia do Norte sugerem a ação de poderes simbólicos na sociedade, que impactam substancialmente na forma como a sociedade se articulará sob o ponto de vista hierárquico. Contudo, os entendimentos das relações de poder instauradas por meio da linguagem envolvem compreendê-la tanto do ponto de vista macro, como do micro. Não basta analisar estruturas isoladas e criar vereditos, o mais adequado é investigar os contextos que estão por trás das produções desses discursos e como isso é apreendido pela sociedade, através dos meios de comunicação e etc.

Todo discurso carrega consigo ideologias e faz-se necessário entender como isso é exposto através das instituições reguladoras do poder, tais como um Tribunal de Justiça, a escola, *etc.*, para checar onde começa o que podemos configurar como abuso de poder. Claramente, a elite se mantém no ápice de uma sociedade por estratégias sociocomunicativas que convergem para a centralização de decisões em suas mãos.

Elucidar como o foco cognitivo está ligado às estratégias de linguagem empregadas é extremamente importante, pois temos a dimensão de como as forças do discurso são usadas como forma de criação de uma organização social. Tais estratégias são marcadas consubstancialmente por estruturas do poder, algo que corrobora a estruturação e/ou modificação de todas as relações entre os sujeitos, inseridos, assim, em posições hierárquicas muito bem definidas.

A discussão apresentada neste artigo é relevante, pois poderemos nos situar diante de fatores que nos evidenciam a relação subordinante do indivíduo, frente a uma estrutura – muitas vezes rígida – de sociedade. Para sustentar as teses acerca da relação entre linguagem e poder, recorrerei a autores que desenvolveram grandes trabalhos ligados a esse assunto, tais como Teun A. Van Dijk (2017), Aaron Barcant (2013), Roland Barthes (1978), Paul Grice (1982) e David A. Moran (2000).

Diante do tema do trabalho, procura-se deixar claro que, para a construção de uma sociedade livre das injustiças sociais, necessitamos de um olhar crítico acerca dos fatores que envolvem a linguagem. Basicamente, o olhar do senso comum nada contribui para que tenhamos equidade entre os indivíduos. Nesse sentido, valho-me de um trecho do livro de George Orwell que explicita as questões expostas: “Enquanto eles não se conscientizarem, não serão rebeldes autênticos e, enquanto não se rebelarem, não têm como se conscientizar”. (ORWELL, 2009, s/p).

Para que ocorra essa conscientização, é necessário que criemos ambientes de mais igualdade, que formem sujeitos críticos, por meio da capacidade ampliada de lidar com os discursos. Enquanto isso não acontecer, teremos sempre a voz do dominador. Segundo Barthes (1978, p.10-16), “[...] a língua, como desempenho de toda linguagem, não é reacionária nem progressista; ela é simplesmente fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.”

Portanto, esse trabalho se justifica, na medida em que mostrará a linguagem como inerente às nossas práticas sociais, ligadas às questões ideológicas, sociocomunicativas e sociolinguísticas. A utilização de determinadas estruturas da língua por um enunciador que ocupa um cargo de presidente tem fortes objetivos dentro de uma sociedade, que está inserida em um determinado contexto no espaço e no tempo. Desmistificar os fatores que estão ligados à manipulação colabora para que possamos compreender os *abusos de poder* que ocorrem no âmbito da linguagem e com isso, tentar construir uma sociedade mais justa, que está atenta ao poder que decorre das relações provenientes da língua.

2 A PERTINÊNCIA DA COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E PODER

A Língua, meio de que nos valem para nos comunicar, traz grandes contribuições a partir das mais diversas esferas de atuação dos sujeitos, para que possamos compreender as relações de poder já existentes na sociedade e/ou que vão se construindo. Desse modo, ao discorrermos sobre um dado tema, fazemo-lo usando estruturas que estão disponíveis a partir de um dado mundo mediado por símbolos e que revelará a subjetividade do sujeito que profere algo acerca de

determinada questão que está em evidência. Portanto, o posicionamento dos indivíduos, socialmente, envolve questões ideológicas, que são explicitadas por meio da linguagem, numa relação mais verticalizada.

Com isso, quando fazemos uso de determinadas escolhas lexicais e estilísticas da língua, automaticamente delimitamos nossos papéis diante do outro, eliminando assim, qualquer possibilidade de que se construa um sujeito eminentemente anônimo.

Ao observarmos a linguagem como um elemento social que constitui o poder, podemos perceber que determinadas ideologias de povos colonizadores se sobrepuseram aos dos colonizados, entre outros aspectos, por meio da influência linguística. Como a linguagem atua por meio de uma instância extremamente eficiente, ou seja, a psíquica, muitas vezes as pessoas acabam aceitando a dominação diante de discursos construídos com a finalidade da manipulação. Quando isso ocorre, observamos relações conflituosas socialmente, como a retratada por Aaron Barcant (2013), em que a República de Trinidad e Tobago, inicialmente, encontra-se nos domínios dos colonizadores espanhóis e devido aos tratados entre Inglaterra e Espanha, torna-se parte integrante daquele país.

Cabe ressaltar, no entanto, que a ilha de Trinidad e Tobago, devido a sua localização, tem grandes influências de diversos sistemas linguísticos, mas por questões políticas e econômicas, teve que deixar de lado todos esses aspectos que compõem essa riqueza cultural e adotar o Inglês. Na medida em que o povo começa a refletir sobre a dominação, sobre estratégias de resistência à cultura imposta pelos colonizadores, cria-se e busca-se a partir daí, retomar a tradição oral e reconhecer o hibridismo da língua falada naquele local, tentando romper com laços que remetem à figura hegemônica do colonialismo, fomentando a importância dos aspectos culturais desse lugar.

O despertar de consciência com relação a um sistema de dominação exige das pessoas que a língua seja concebida não como códigos a serem decifrados, mas como um sistema que envolve falantes, que criam novos significados para os vários signos, com diversos interesses.

Claramente, não podemos reduzir a língua a meros elementos a serem decodificados, muito pelo contrário, temos que percebê-la diante de um amplo contexto, que nos leva a pensar por que as pessoas estão dizendo o que dizem, em que situação, quais estruturas do idioma se valem para isso, partindo de qual esfera da sociedade e quais os sentidos que isso pode acarretar do ponto de vista social. Para que possamos perceber todas essas estratégias, faz-se necessário o Estudo Crítico do Discurso, que Van Dijk (2017) aborda em seu livro “Discurso e poder”.

A mídia, a escola, os tribunais de justiça, entre outras instituições, são importantes para a propagação de ideologias e por isso, atentar-se a elas é relevante, uma vez que podem nos revelar estratégias linguísticas, como por exemplo, a preservação de uma face positiva desses órgãos, em

detrimento de face negativa de outras repartições sociais, para mentalmente fortalecer os aspectos de dominação. Segundo esse autor, a compreensão dos discursos é de suma relevância para que entendamos o poder simbólico, meio pelo qual a elite reforça seu poder.

Por ser fruto de uma abstração, a língua nos dá boas pistas para interpretá-la sobre o ponto de vista de como as pessoas exteriorizam o que querem, através das palavras. Dessa forma, o diálogo entre pessoas deve respeitar um princípio cooperativo descrito / discutido por Paul Grice. Segundo esse autor, temos quatro tipos de máximas conversacionais, a saber: máximas de quantidade, de qualidade, de modo e de relevância.

As máximas acima são relevantes na medida em que, quando há um diálogo, pressupõe-se que haverá a cooperação entre os interlocutores, de modo que se tenha uma comunicação eficaz entre os sujeitos. A respeito disso, quando falamos em máxima de quantidade, referimo-nos ao proferir determinada fala usando de informações que são de extrema importância, sem exageros. Já a de qualidade, condiz com o dizer fatos que posso atestar como verdadeiro. A máxima de modo é a proposição de que o diálogo entre os sujeitos será marcado por uma situação comunicacional, ordenada, clara e breve. Por último, a de relevância é apresentar na situação de fala somente o que será necessária à conversa, afinal, os enunciados terão que surgir a partir de um dado pertinente ao aspecto conversacional. A violação de um desses fatores pode ocasionar problemas na comunicação do indivíduo, bem como prejudicar a face positiva de um dos interlocutores, em relação ao outro sujeito envolvido na conversa.

Não obstante todas essas formas de perceber as relações subordinantes na conversação, também podemos entender as estratégias de linguagem empregadas do ponto de vista qualitativo. De acordo com Morand (2000), durante a comunicação são criadas estratégias de polidez frequentemente utilizadas por determinados grupos de indivíduos.

O autor revela em sua pesquisa, que numa empresa, por exemplo, os funcionários costumam utilizar mais recursos de delicadeza, na oralidade, do que os patrões. Salienta-se, no entanto, que nem sempre esses recursos de polidez são bem vistos, muitas vezes, a fala direta consegue ser mais eficiente para amenizar o que se pretende no ato enunciativo. Destarte, a preferência por utilizar mais recursos de polidez em camadas de hierarquia inferiores numa empresa está ligada à verticalidade de comunicação existente nesse espaço. É relevante lembrar que as estratégias supracitadas também se aplicam às relações que ocorrem entre outras pessoas, nos mais variados locais.

Finalmente, nos expressamos por meio da linguagem e necessitamos de mobilizar diversos recursos para que nossa comunicação seja bem-sucedida. Caso houvesse fatores na língua que impossibilitassem tudo o que podemos dizer, sequer teríamos como falar de muitos elementos.

Sendo assim, o ser humano estaria limitado sob o ponto de vista da expressão. Claramente, tudo o que queremos falar pode ser dito, entretanto, deve estar em consonância com as estruturas do poder que controlam os usos que fazemos da língua.

3 IDENTIFICANDO AS RELAÇÕES DE PODER NOS DISCURSOS POLÍTICOS: EUA X COREIA DO NORTE

Nesta seção, procurar-se-á analisar, a partir das notícias selecionadas e que se encontram no anexo desse artigo, os recursos empregados linguisticamente, de forma a perceber as relações de poder que emergem a partir do uso da linguagem. Para iniciarmos, veremos que, todas fontes usadas tendem a usar expressões que evidenciam a hegemonia norte-americana frente às questões políticas e econômicas. Vejamos os exemplos abaixo:

- (1) “Na época de Eisenhower [Dwight D., presidente dos EUA entre 1953 até 1961], o próprio disse que havia um complexo industrial-militar nos EUA que dominava a política na década de 1950. De lá para cá, isso só cresceu”, pontua o professor. (Jornal Brasil de Fato)
- (2) Manobra dos EUA pode resultar em combates, diz Coreia do Norte. (Jornal Folha de São Paulo)
- (3) O progresso norte-coreano aparentemente rápido [...] (Revista Veja)
- (4) “Não podemos resolver todos os problemas com tanques e aeronaves” (Portal G1.com)

Partindo de um ponto de vista comparativo, os itens 1 e 4 trazem discursos proferidos, respectivamente, pelo professor Reginaldo Nasser da PUC-SP e Barack Obama (ex-presidente dos EUA). Essas citações têm por intuito dar além de credibilidade à notícia, ênfase ao país norte-americano como grande potência. Observa-se isso, pelo emprego de expressões que remetem aos Estados Unidos como grande potência bélica, que costuma resolver seus problemas através da força militar.

Já o item 2, há a fala de algo que parece representar a Coreia do Norte como um todo e que sinaliza para os Estados Unidos como alguém que está dirigindo algo que pode culminar em conflitos. Nesse excerto, podemos perceber que o país asiático não assume somente a posição de ameaça, como também é subordinado às questões estadunidenses, na medida em que a manobra parte da nação americana.

Com relação ao item 3, o progresso bélico da Coreia do Norte é questionável, pois o uso do advérbio “aparentemente”, expressa uma relação do locutor que está fora da cena e que conseguinte, conhece o poder bélico norte-americano, tanto que o termo citado como algo de natureza duvidosa.

A partir dos trechos acima, vê-se que não se pode duvidar que a hegemonia política e econômica do mundo está nas mãos dos EUA. Portanto, a forma como esse poder é delineado em cada notícia para alcançar o almejado torna-se muito interessante. Como se pode observar nos exemplos elencados, os enunciadores valem-se de estratégias linguísticas que procuram persuadir o leitor acerca dos EUA como grande potência, capaz de conduzir uma guerra com certa maestria, somente se for provocada. Contudo, os jornais usam desses recursos de convencimento de forma diferente. Enquanto a Folha de São Paulo, a revista Veja e o Portal G1.com recorrem a formas de linguagem que procuram ilustrar que o país norte-americano realmente possui grande poder bélico, reiteram que não faz uso das armas, pois há de se conservar uma face positiva construída dos EUA, que só entraria numa guerra caso provocada pela Coreia do Norte. Por sua vez, o Jornal Brasil de Fato traz uma construção de imagem diferente do país americano. Dessa forma, é apresentada uma fala de um ex-presidente dos Estados Unidos, na qual toda a supremacia militar do país é reconhecida, mostrando uma estratégia de imagem diferente, ou seja, a Coreia do Norte não é a única vilã, existem interesses numa guerra entre os dois países advindos da nação americana.

Ainda, com relação ao Jornal Brasil de Fato, inúmeras vezes são trazidas por meio de citações de professores de grandes Universidades, com o objetivo de mostrar que, o país norte-americano até pode ser uma potência e realmente sofrer com os ataques, todavia, ele também não é vítima. Os excertos abaixo ratificam esse posicionamento:

- (5) Para professores, provocações têm objetivos econômicos, favorecendo indústria bélica e economia em crise.
- (6) O orçamento militar e de segurança foi alavancado de 3,5 % para 6% do PIB estadunidense, chegando aos US\$ 54 bilhões (cerca de R\$171 bilhões).
- (7) Para ela, o governo de Trump instrumentaliza a Coreia do Norte para manter sua projeção militar na Ásia e pressionar aliados como o Japão, além de manter o cerco à China.

Por meio dos excertos acima, presume-se que o conflito entre os dois países é ocasionado devido a estratégias de dominação norte-americana e que são respondidas pela Coreia do Norte. No excerto (7), é exposto inclusive, que o governo Trump está ajudando a aparelhar o país asiático, para que haja uma guerra.

O agenciamento dessas vozes no texto é um recurso que visa à apresentação de modelos de representações mentais subjacentes, ou seja, os dados apresentados desconstruem aquela visão dos EUA como país “salvador” de um mundo ameaçado pela Coreia do Norte. Através dos exemplos 4 a 6, os valores gastos com forças armadas pelo governo Trump e a exposição de que a atual gestão estadunidense tem instrumentalizado o país oriental, desconstruem toda uma face harmoniosa

acerca dos Estados Unidos, com o objetivo de que emergja no texto a construção de uma face positiva da Coreia. Isso quer dizer que, a nação de Kim Jong-un tem sido provocada a entrar numa guerra, que afinal de contas, seria benéfico mesmo para os EUA.

Por outro lado, o Jornal Folha de São Paulo e Revista Veja, constroem estruturas na língua que procuram evidenciar que a Coreia do Norte é uma ameaça não só para os EUA, mas também para o mundo. Com o intuito de elucidar isso, recorreremos aos trechos abaixo:

- (8) [...]. Pouco depois, o ditador Kim Jong-un, suspendeu o projeto, mas advertiu que a execução dependeria do comportamento de Whashington. (Folha de São Paulo).
- (9) Apesar das ameaças norte-coreanas, o Departamento de Estado dos EUA anunciou que a operação acontecerá como previsto. (Folha de São Paulo).
- (10) Coreia do Norte ironizou os alertas do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de que Pyongyang vai enfrentar “fogo e fúria” se ameaçar os Estados Unidos, e divulgou nesta quinta-feira planos detalhados para um ataque com mísseis perto de Guam, território americano no Oceano Pacífico. (Revista Veja).

Como podemos observar acima, a Coreia do Norte é colocada em posição de agente, seguida de verbos que mostram um país que age eloquentemente, sem sequer primar pela paz. O país norte-asiático adverte, ameaça, ironiza, enfrenta e detalha planos para ataque, sem a menor empatia com os danos que o conflito pode causar.

Vê-se, diante dos exemplos, que os jornais buscam convencer o leitor acerca da ideia de que os EUA são vítimas de todas as decisões maléficas tomadas pelo suposto governo “ditador” do Oriente. Diante da ironia feita pela Coreia do Norte, palavra que foi usada pela Revista Veja e que estigmatiza as atitudes de Kim Jong-un, tem-se automaticamente uma estratégia de valorização da imagem dos Estados Unidos através da comparação. Se por um lado, com imprudência vem um país disposto a guerrear, por outro, temos o país de Donald Trump, que somente reagirá nunca possível guerra, de acordo com seu planejamento e caso o país adversário, Coreia do Norte, continue a provocar.

Os recursos usados tanto pelo Jornal, como pela Revista, procuram mostrar as faces negativas das ações pensadas por Kim Jong-un. Logo após, as estratégias dos Estados Unidos, mencionadas através dos parceiros do país, são vistas como uma resposta necessária para frear todas as atitudes que poderiam causar enormes transtornos.

Não obstante os recursos verbais, são usados recursos não verbais, os quais remetem à figura do Presidente Coreano como alguém manipulador e que parece estar contente com o suposto terrorismo agenciado pelo país. Por outro lado, o Presidente Donald Trump é retratado como alguém pensativo e que detém devido às riquezas dos EUA, poder bélico.

Fotos: Presidentes Donald Trump (EUA) e Kim Jong-un



FONTES: (1) Jornal Brasil de Fato; (2) Revista Veja

Todos os recursos citados acima, incluindo as imagens, contribuem para que se possa criar uma imagem ora positiva sobre os fatos, ora negativa de acordo com o veiculado pelas mídias. Para que os objetivos desses jornais e/ou revistas sejam alcançados, o poder simbólico (midiático), junto com as instituições de poder (Estado, Igrejas, Empresários de Multinacionais, *etc.*), trabalham conjuntamente de forma que construamos faces que não são tão boas acerca de um lado, que a imprensa deseja atacar, e preservar o outro, agente nas mais diversas situações e detentor do poder benéfico à sociedade.

A criação de imagens mentais acerca dos dois países ocorre, como podemos perceber, através de elementos que procuram romper com uma face positiva de uma das nações com o objetivo de valorizar a face negativa de outra. Com isso, se valorizamos a face negativa dos EUA, por exemplo, como vimos na Folha de São Paulo, Revista Veja e Portal g1.com, valemo-nos de estratégias linguísticas que valorizam a imagem desse país e consequentemente, convence o leitor de que o grande vilão da história é a Coreia do Norte.

Em contrapartida, o Jornal Brasil de Fato trouxe argumentos de professores renomados de grandes Instituições de Ensino Superior que, por meio de suas falas, trazem dados alarmantes sobre o poder bélico do EUA, fazem com que tenhamos uma visão diferente da Coreia do Norte. Isso quer dizer que os dados qualitativos e as escolhas lexicais dos ambientes midiáticos corroboram percepções distintas sobre a atitude dos países.

Claramente, é inteligível por meio dos recursos empregados por esse último Jornal, que ele busca desconstruir essa visão dos EUA como grande solucionador dos problemas do mundo, a partir do momento em que ele faz com que emergja no enunciado a imagem da nação norte-americana que está interessada numa guerra, na qual ela também será beneficiada. Diante desse fator, temos a desconstrução da figura de que a Coreia do Norte é a única agenciadora de tudo e o convencimento ao leitor, por meio da exposição de faces negativas do EUA, que ambos têm grandes contribuições para o encadeamento de certo caos, principalmente, o país americano, interessado em potencializar suas parcerias políticas e econômicas com países aliados.

4 O CASO DAS *FAKE NEWS*

Conforme a notícia do Portal G1, o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, esteve em um evento em São Paulo e lá mencionou algo que interessa a nossa discussão. Vimos, na seção anterior, como os recursos linguísticos podem ser mobilizados para que criemos uma imagem mental acerca de questões ligadas aos interesses da elite. De fato, a linguagem é o mais importante meio de persuasão. Precisamos de uma leitura crítica acerca de fatos que a permeiam, com a finalidade de que não assumamos sempre a posição de subordinados.

Atualmente, com o grande fluxo de informações nos meios digitais, uma preocupação para as instituições que ocupam o poder na sociedade são as *Fake News*. Essas notícias duvidosas podem corroborar visões deturpadas acerca de empresas, órgãos do governo e outras esferas que ocupam lugar de destaque na sociedade.

Normalmente, os atos de fala em uma comunicação são estipulados por pessoas que ocupam maior hierarquia social e que são responsáveis por controlar as informações repassadas à sociedade. Segundo Souza (2017), a notícia é algo de grande valia em uma sociedade, afinal, trata-se do relato dos fatos ocorridos.

Durante muitos anos, a veiculação das notícias esteve atrelada a grandes grupos empresariais, que primavam por passar as informações seguindo critérios jornalísticos bem delineados, preocupados com a credibilidade da notícia. Obviamente, a produção de um enunciado envolve o interesse de um grupo minoritário da sociedade e por esse fator, as notícias costumavam privilegiar o lado dos grupos empresarias.

Contudo, numa época de democracia digital, hoje a notícia ganha um foco ainda mais preocupante. Além da manipulação das informações com o intuito de privilegiar alguém, muitas coisas são veiculadas nas redes sociais por pessoas comuns e que não pertencem à área de jornalismo, propagando notícias falsas e que podem trazer grandes danos às pessoas envolvidas nas informações repassadas.

As *Fake News* servem aos mais variados propósitos, tais como: desacreditar um adversário político, garantir maior número de visualizações a uma página na internet, e com isso, aumentar a margem de lucro dessas fontes e etc.. Isso se torna um grande problema, pois, informações desconstruídas, que não possuem nenhuma autenticidade acabam propagando mentiras, que podem influenciar em importantes decisões sociais.

A respeito disso, temos o episódio das eleições presidenciais que envolveram o atual presidente Donald Trump:

Num ambiente de crise da imprensa como negócio e também dos veículos de informação como grandes formadoras de opinião junto às massas, as notícias falsas encontram na web um território livre para se manifestar. A imprensa, ao que parece, demorou a aceitar o golpe. Acredita-se que a proliferação de falsas notícias tenha sido um elemento determinante na eleição do Donald Trump à presidência dos Estados Unidos em 2016, quando praticamente toda a imprensa daquele país apostou na vitória da democrata Hillary Clinton. O candidato vitorioso recorreu a várias mentiras durante a campanha eleitoral (como a de que Barack Obama não era americano) que foram levadas a sério por seus eleitores, os quais preferiram aceitar mais na mentira (baseada em suas convicções) do que a verdade dos fatos. (SOUZA, 2017, p.2).

De acordo com Paul Grice, deve haver uma cooperação entre as pessoas em questões que envolvem as interações entre os indivíduos, algo contrariado pelas *Fake News*. Muitas vezes, portais sensacionalistas publicam informações falsas que violam fortemente as máximas conversacionais e prejudicam o diálogo.

Essas notícias que circulam nas redes sociais e que nem sempre são verídicas, muitas vezes, expõem apenas um dos dois lados de um acontecimento e espalham boatos acerca de determinadas instituições, de forma negativa. Como já sabemos, o que vale para o ser humano é o que está mentalizado, isso quer dizer que, as informações apreendidas e que passam a ordem da cognição tendem a se tornar atitudes comportamentais do sujeito na sociedade.

Sendo a linguagem fonte pela qual nos constituímos, os impactos dessas chamadas falsas notícias para as instituições que ocupam o poder podem ser quase que irreversíveis. Elas ganham longo alcance e acabam tirando a credibilidade de órgãos que estão no topo da hierarquia.

Com o objetivo de tentar barrar a proliferação de notícias falsas e que são danosas, temos no mundo várias agências fiscalizadoras de *Fake News*. No Brasil, por exemplo, temos três grandes

empresas, a saber: Lupa, Aos fatos e Truco. Elas atuam de acordo com critérios específicos, para checar a veracidade das notícias. Normalmente, a metodologia para a análise da autenticidade dos fatos conta com uma metodologia rigorosa, que observa cotidianamente o que é dito por políticos, líderes sociais e celebridades de jornais, revistas, entre outras mídias. Além disso, a escolha de notícias a serem analisadas consideram critérios que vão ao encontro da seleção de enunciados que ganharam grande repercussão nacional e que se tornaram no âmbito social.

Ao término da verificação das *Fake News*, as agências fiscalizadoras classificam as notícias veiculadas em verdadeiro, falso, exagerado, contraditório e insustentável. Todo esse trabalho é muito importante, pois as informações que são passadas no cotidiano das pessoas, quando trazem inverdades podem colaborar tanto para o favorecimento de um determinado grupo social, como podem acabar denegrindo fortemente a imagem de uma pessoa.

O surgimento das agências fiscalizadoras é cada vez mais comum e necessário, afinal, com a democracia digital, o número de *Fake News* tem crescido assustadoramente. Como esses textos atraem publicidade e lucro, suas chances de propagação são cada vez maiores e acabam por elidir a imagem do profissional sério do jornalismo. Os negócios estão fortemente ligados à produção das notícias falsas e acabam salientando o papel das relações entre linguagem e poder numa sociedade, em que textos publicados com rasas informações influenciam no modo de pensar e agir de uma sociedade e acabam favorecendo um pequeno grupo de pessoas que têm o intuito de manipular a massa.

Diante do que foi apresentado, faz-se necessário analisar todas as informações que temos por viés crítico e reflexivo. Sem dúvida, as *Fake News*, assim como notícias veiculadas pelas mídias oficiais do poder, constituem-se como importantes meios de manipulação da informação. Um bom leitor, consciente de todos os fatos que permeiam a linguagem poderá ler criticamente tudo o que o cerca e tomar decisões mais sábias socialmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como pretensão demonstrar como diferentes estratégias linguísticas são usadas como forma de retratar positivamente as instituições que estão na elite da sociedade. Dessa forma, cria-se uma intensa relação entre a manipulação das faces positiva e negativa de determinados órgãos públicos e/ou privados, com o intuito de que o indivíduo, por vezes de forma inconsciente, apreenda aspectos que estão atrelados à sua percepção da realidade. Tudo isso, influenciará no modo como as pessoas aceitando uma posição de subordinação.

O cerne desse trabalho se concentrou em demonstrar como as formas empregadas na língua atuam no jeito de pensar dos indivíduos que passarão a tomar diversas decisões no âmbito coletivo e que impactarão nas relações intersubjetivas, entre os sujeitos e seu entorno, evidenciando diferentes âmbitos da relação linguagem e poder. Assim, as atitudes das pessoas resultam do uso da língua como prática discursiva, ressaltando-se com isso, que os discursos produzidos por meio da linguagem não são neutros e carregam consigo fortes cargas ideológicas de quem o produz, com os mais variados objetivos, dentre eles a manutenção do poder.

Pretende-se a partir desse estudo, mostrar a importância da formação de sujeitos que operem no texto de forma a lê-lo com um todo, sem ser meros decodificadores de signos. Tendo a língua grande importância para as questões sociocomunicativas, é relevante que tenhamos sujeitos que sejam realmente leitores e que comecem a ler criticamente as informações que o cercam, de modo que tenhamos mudanças significativas na sociedade, diminuindo assim as injustiças sociais.

Cabe à escola a formação de bons leitores, que colaborarão para que possamos construir uma sociedade com maior equidade. Embora, os projetos na área da educação estejam condicionados ao sistema, podem ser pensadas estratégias de trabalho com o texto, que procurem levantar os aspectos aqui trabalhados e que são relevantes a formação do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BARCANT, Aaron. **Language and power**. Montreal: Concordia University, 2013.

BARTHES, R. Aula. In: **Linguagem e poder**. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 10-16.

COREIA DO NORTE ironiza Trump e detalha plano de ataque a Guam. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/coreia-do-norte-ironiza-trump-e-detalha-plano-de-ataque-a-guam/#>>. Acesso em: 11 out. 2017.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karina (Org.). 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

EM SP, Obama diz que Coreia do Norte é ‘perigo real’ e defende uso da diplomacia para a paz. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/obama-participa-de-evento-em-sao-paulo.ghtml>>. Acesso em: 11 out. 2017.

GRICE, Herbert Paul. **Lógica e conversação**. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Dascal, Marcelo (Org). Fundamentos Metodológicos da Linguística. Vol. 4. Campinas, SP: Unicamp, 1982.

MORAND, David A. Language and power: an empirical analysis of linguistic strategies used in superior± subordinate communication. **Jornal of Organizational Behavior**, n.21, p. 235-248, 2000.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hunber & Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PINA, Rute. **Conflito nuclear entre EUA e Coreia do Norte seria “improvável”, dizem especialistas.** Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/04/26/conflito-nuclear-entre-eua-e-coreia-do-norte-seria-improvavel-dizem-especialistas/>>. Acesso em: 11 out. 2017.

PRESSE, France. **Manobra dos EUA pode resultar em combates, diz Coreia do Norte.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1911443-manobra-dos-eua-pode-resultar-em-verdadeiros-combates-diz-pyongyang.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2017.

SOUZA, Rogério Martins de. **Investigando as fake News:** análise das agências fiscalizadoras de notícias falsas no Brasil. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0343-1.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.

ANEXO A – Jornal Brasil de Fato 26/04/2017

Conflito nuclear entre EUA e Coreia do Norte seria "improvável", dizem especialistas

Para professores, provocações tem objetivos econômicos, favorecendo indústria bélica e economia em crise

Rute Pina

Brasil de Fato | São Paulo (SP), 26 de Abril de 2017 às 16:58

COMPARTILHE



Em 100 dias de governo Trump, orçamento militar dos EUA subiu para 6% do PIB / Gage Skidmore

Nesta quarta-feira (26), os EUA começaram a instalar partes de um sistema antimíssil na Coreia do Sul. A medida é uma resposta aos exercícios militares feitos pela Coreia do Norte, em um momento de crescente acirramento das tensões entre os

O professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Reginaldo Nasser considera que as provocações entre os dois países têm um objetivo econômico. "Na época de Eisenhower [Dwight D., presidente dos EUA entre 1953 até 1961], o próprio disse que havia um complexo industrial-militar nos EUA que dominava a política na década de 1950. De lá para cá, isso só cresceu", pontua o professor.

Desde que assumiu a presidência dos EUA há quase 100 dias, o republicano Donald Trump tem promovido o maior impulso ao rearmamento no país em uma década. O orçamento militar e de segurança foi alavancado de 3,5% para 6% do PIB estadunidense, chegando aos US\$ 54 bilhões (cerca de R\$ 171 bilhões).

Nasser afirma que os EUA têm uma "fatia considerável" de seu orçamento relacionada, direta ou indiretamente, ao militarismo. Dessa maneira, o conflito, assim como o discurso de combate ao terrorismo, justificaria o apoio a "guerras patrocinadas" envolvendo outros países, como a Síria e a Ucrânia.

Ele pondera ainda que o lobby não está restrito à indústria bélica e abrange também empresas de outros setores, mas que se desenvolvem com investimento na área militar. "Há um intercâmbio de tecnologia entre vários setores e isso é um grande investimento", considera.

Para a professora de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Cristina Pecequilo, o peso tradicional industrial-militar na economia estadunidense ainda é preponderante. Ela avalia, no entanto, que a política de Trump deve resultar em um aumento do déficit interno e dos desequilíbrios econômicos, repetindo o ciclo anterior do governo do ex-presidente republicano de George W. Bush.

"A ideia é que existe uma expansão econômica inicial a partir do belicismo, mas é comprovado que se esgota rapidamente, pois gera empregos de forma localizada e desvia gastos de setores como educação e saúde", afirma a professora.

Disputa improvável

Pecequilo acredita que a troca de provocações entre os países faz parte de "movimentos cíclicos de barganha e pressão". "Não haverá confronto direto, apenas a tensão tradicional, testes e trocas de acusações, até que o ciclo se esgote mais uma vez", aposta a professora.

Para ela, o governo de Trump instrumentaliza a Coreia do Norte para manter sua projeção militar na Ásia e pressionar aliados como o Japão, além de manter o cerco à

No início de abril, os EUA enviaram um porta-aviões e um submarino militar para o Mar do Japão como "um forte sinal dissuasório". Nesta quarta-feira (26), o presidente dos EUA convocou uma reunião na Casa Branca com os 100 senadores estadunidenses, algo até então inédito.

Reginaldo Nasser também considera que não há disputa efetiva entre os países, mas um "jogo de cena". Ele explica que, durante a Guerra Fria, a estratégia de ameaças a uma guerra nuclear ficou conhecida como "dissuasão nuclear" — ou seja, uma ameaça implícita, mas que não se efetivaria. Segundo o professor, o acirramento entre União Soviética e EUA durante a Crise dos Mísseis em Cuba (1962) também foi marcado pelo auge da diplomacia entre os países rivais.

"O regime ditatorial da Coreia está usando isso para justificar uma série de medidas de exceção e militarismo; do lado do EUA usam para justificar o investimento em armas, aumento de orçamento e do sistema de segurança", avalia.

Arsenal nuclear

Desde janeiro de 2003, quando se retiraram do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), a Coreia do Norte vem desenvolvendo um programa nuclear e também um arsenal de mísseis balísticos.

O TNP é um acordo de 1968, criado para promover a erradicação das armas nucleares e assegurar o uso da energia nuclear apenas para fins pacíficos. No entanto, segundo levantamento da *Federation of American Scientists*, existem 14.923 bombas nucleares em todo o mundo atualmente.

Segundo a instituição, este arsenal diminuiu 78,7% desde 1986, durante a Guerra Fria. Na época, estima-se que existiam 70,3 mil armas nucleares. A Rússia é o país com o maior arsenal nuclear, com 7 mil bombas, seguido dos EUA, que mantém 6,8 mil armas nucleares. Juntos, os dois países detêm 92% de todo o armamento disponível. Já a Coreia do Norte, contaria com oito. Segundo um levantamento divulgado pelo jornal *The New York Times*, os coreanos têm capacidade para a construção de uma bomba nuclear a cada seis semanas.

Para Pecequilo, os regimes de não proliferação tem se mostrado irrelevantes em um cenário em que predomina o unilateralismo. "O próprio EUA não respeita muita de suas recomendações e os considera restritivos. Assim, [os tratados] perdem legitimidade e colocam em xeque a dinâmica multilateral de forma ampla", finaliza.

Edição: José Eduardo Bernardes

ANEXO B – Jornal Folha de São Paulo 20/08/2017

mun

Manobra dos EUA pode resultar em combates, diz Coreia do Norte

DA FRANCE PRESSE

20/08/2017 11h29 - Atualizado às 12h20

A Coreia do Norte afirmou neste domingo (20) que as manobras militares planejadas pelos Estados Unidos e Coreia do Sul, que devem começar nesta segunda (21), "jogarão gasolina na fogueira" em um momento de tensão entre Pyongyang e Washington.

"Estas manobras são a expressão mais explícita da hostilidade em relação a nós. Ninguém pode garantir

que os exercícios não resultem em verdadeiros combates", afirma um editorial do jornal "Rodong Sinmun", do regime norte-coreano.

Em julho, a Coreia do Norte realizou testes de mísseis intercontinentais e alavancou a tensão com os EUA. Dias depois, o presidente norte-americano, Donald Trump, chegou a dizer que o país vai responder com "fogo e fúria" caso Pyongyang faça novas ameaças.

O regime norte-coreano, então, ameaçou lançar mísseis na direção da ilha americana de Guam, no Pacífico. Pouco depois, o ditador do país, Kim Jong-Un, suspendeu o projeto, mas advertiu que a execução dependeria do comportamento de Washington.

KCNA - 15.mai.17/Reuters



O ditador norte-coreano, Kim Jong-un, sorri após teste com míssil balístico

No atual contexto, Coreia do Sul e EUA iniciarão nesta segunda os exercícios conjuntos anuais, durante os quais milhares de soldados treinarão para proteger o território sul-coreano de um eventual ataque norte-coreano.

A cada ano, Pyongyang –que considera estas manobras uma provocação e um teste para a invasão de seu território– ameaça com represálias militares.

"Se os EUA se perderem na fantasia de que uma guerra na península aconteceria na porta de outro [país], longe deles, estão mais equivocados do que nunca", diz outro trecho do editorial.

'MAIS GRAVE DO QUE NUNCA'

Apesar das ameaças norte-coreanas, o Departamento de Estado dos EUA anunciou que a operação acontecerá como previsto.

Washington se negou a informar se o Exercício será menor para não exacerbar as tensões, mas o ministério sul-coreano da Defesa anunciou a participação de 17.500 soldados, uma redução significativa na comparação com 25.000 envolvidos nas manobras do ano passado.

Ao mesmo tempo, o general Jeong Kyeong-Doo, comandante do Estado-Maior das Forças Armadas sul-coreanas, considerou que a situação atual é "mais grave do que nunca".

"Em caso de provocação do inimigo, [nosso Exército] tomará medidas de represália fortes e determinadas para fazê-lo lamentar amargamente", disse.

Quando Kim Jong-Un adiou o plano Guam, ele exigiu que Washington interrompesse as "arrogantes provocações" na região.



O míssil intercontinental Hwasong-14 é lançado em teste norte-coreano em julho

ANEXO C – Revista Veja 10/08/2017

Mundo

Coreia do Norte ironiza Trump e detalha plano de ataque a Guam

Plano coreano é disparar quatro mísseis para atingir uma região entre 30 e 40 quilômetros de Guam

Por **Da redação**

© 10 ago 2017, 20h10 - Publicado em 10 ago 2017, 10h30



A **Coreia do Norte** ironizou os alertas do presidente dos **Estados Unidos, Donald Trump**, de que **Pyongyang** vai enfrentar “fogo e fúria” se ameaçar os Estados Unidos, e divulgou nesta quinta-feira planos

Especialistas da **Coreia do Sul** disseram que os planos revelados pela Coreia do Norte elevam consideravelmente os riscos, já que **Washington** provavelmente considerará qualquer míssil apontado para seu território como uma provocação, ainda que lançado como teste.

O progresso norte-coreano aparentemente rápido no desenvolvimento de armas e mísseis nucleares capazes de atingir o território continental dos Estados Unidos alimentou tensões que resultaram em uma **guerra de palavras entre Washington e Pyongyang** durante a semana, o que preocupa potências regionais e investidores globais.

As ações das bolsas de valores caíram pelo terceiro dia em todo o mundo, e em Seul alcançaram seus menores valores em sete semanas, depois que a Coreia do Norte disse estar finalizando os planos para disparar quatro mísseis de alcance intermediário sobre o Japão para caírem a 30-40 quilômetros de Guam, detalhando um plano anunciado inicialmente na quarta-feira.

Guam, uma ilha tropical localizada a mais de 3.000 quilômetros a sudeste do país comunista, é o lar de cerca de 160.000 pessoas e de uma base militar americana que inclui um esquadrão de submarinos, uma base aérea e um grupo da guarda costeira.



O Exército da Coreia do Norte finalizará seus planos em meados de agosto, deixando-os prontos para uma ordem do líder **Kim Jong-un**, relatou a agência de notícias estatal *KCNA*. “Os foguetes Hwasong-12 a ser lançados pelo KPA (Exército do Povo Coreano) cruzarão os céus acima de Shimane, Hiroshima e Koichi, no Japão”, disse a reportagem. “Eles voarão 3.356,7 quilômetros durante 1,065 segundos e atingirão as águas a 30-40 quilômetros de distância de Guam.”

Embora **Pyongyang** ameace destruir os Estados Unidos e seus aliados com frequência, o comunicado da *KCNA* foi incomum pelo detalhamento. Ele foi publicado na esteira de dois testes bem-sucedidos de um míssil intercontinental, realizados em julho, e de uma série de outros testes de mísseis.

Tal como anunciada pelos coreanos, a trajetória planejada dos mísseis atravessaria algumas das rotas marítimas e aéreas mais movimentadas do planeta.

Míssil da Coreia do Norte poderia atingir os Estados Unidos



- Alcance**
Capacidade de percorrer 6.700 km
- Tempo de voo**
37 minutos para atingir o alvo

FONTE: UCS Global Security Program

ANEXO D- Portal G1 Globo 05/10/2017

Em SP, Obama diz que Coreia do Norte é 'perigo real' e defende uso da diplomacia para a paz

Ex-presidente falou sobre aquecimento global, a importância do engajamento na defesa da democracia, do acordo nuclear com o Irã e do Obamacare.

Barack Obama afirmou na manhã desta quinta-feira (5), em evento em São Paulo, que a Coreia do Norte é um "perigo real" e defendeu a importância de uma diplomacia forte para a paz. É a primeira vez que o ex-presidente americano vem ao

Brasil desde que deixou a Casa Branca no começo deste ano.

"Não podemos resolver todos os problemas com tanques e aeronaves. A Coreia do Norte é um perigo real", afirmou, durante o Fórum Cidadão Global. "Nossa segurança não depende apenas da força militar, também depende de uma diplomacia forte. Alimentar alianças e encorajar uma cooperação entre as nações. O poder das nossas economias e o poder dos nossos ideais são importantes para assegurar a paz, não somente o poder militar extraordinário", declarou.

Tolerância

Obama também falou sobre a importância de se cultivar a tolerância. Ele destacou que estamos, atualmente, "mais conectados do que nunca", porém que enfrentamos problemas.

"Ficamos mais presos do que nunca a nossa própria bolha, não desafiamos as nossas próprias premissas. Tudo o que tudo a gente vê e lê é aquilo que o algoritmo diz que deveríamos ler. Ficamos seguros em nossas crenças e filtramos as informações que não estão de acordo com a nossa opinião", observou. "Temos que ouvir aqueles com quem não concordamos", ressaltou.

Ao comentar sobre o impacto do desenvolvimento na comunicação, Obama afirmou que atualmente "as ideias são amplificadas. Isso vale para boas ideias e para as bem ruins e destrutivas". "Toda vez que uma nova tecnologia de informação surge, leva um certo tempo para que a sociedade possa extrair seus benefícios. Isso cria alguns perigos", afirmou.

Obamacare e Irã

Quando questionado sobre projetos que ele tinha orgulho de ter implementado, Obama citou, no plano interno, a reforma da saúde, conhecida como Obamacare, e, no plano externo, o acordo nuclear com o Irã.

“Minha maior satisfação foi a aprovação da reforma da saúde, porque 20 milhões de pessoas tiveram acesso à saúde. Eu recebia cartas das famílias dizendo: 'meu filho esteve doente e, se não tivesse essa lei, talvez tivesse morrido', afirmou Obama, antes de lembrar que nenhuma das previsões de desastre que os seus “amigos do outro lado político previram, se concretizou”.

Ao falar sobre o acordo nuclear com o Irã, Obama voltou a mencionar a crise que o governo de Trump enfrenta com a Coreia do Norte. O ex-presidente afirma que, quando assumiu a presidência, já era tarde demais para estabelecer um acordo com o país.

Porém, com o Irã foi diferente. “O Irã é um país com o qual os EUA têm muitas diferenças. O governo iraniano não é amigo consistente e muitas vezes é nosso adversário. Mas eu vi uma oportunidade para resolver um problema: garantir que não desenvolvessem armas nucleares”, afirmou.

Forte diplomacia

“Poderíamos resolver sem usar a força militar. Tivemos êxitos. Não seguimos o caminho que está sendo seguido com a Coreia do Norte. Resolvemos aquele problema sem tiro, o que mostra uma forte diplomacia mesmo com os adversários”, declarou.

O ex-presidente falou ainda sobre aquecimento global, a importância do engajamento na defesa da democracia, o investimento em educação.

O encontro, que teve como tema “Mudar o mundo? Sim, você pode”, uma referência ao famoso lema da campanha eleitoral de Obama em 2008: “Yes we can” (“Sim, nós podemos”), contou com a presença de outros líderes empresariais que promovem o desenvolvimento de cidadão global em suas empresas.

Obama esteve no Brasil em 2011, quando ainda era presidente, acompanhado pela esposa, Michelle Obama, e pelas duas filhas, e visitou Rio de Janeiro e Brasília, onde se reuniu com a então presidente, Dilma Rousseff.